



Microubanismo Efêmero: Entre Táticas de Construir e Revelar a Cidade

**Ephemeral Micro-urbanism: Among Tactics of
Building and Revealing the City**

Tiago Balem, PROPUR/UFRGS, tiagobalem@gmail.com

RESUMO

Essa pesquisa foca nas microintervensões no espaço urbano que, através de táticas urbanas e ações temporárias, trazem luz à forma de ver, pensar e fazer cidade. Trata-se em geral de iniciativas coletivas de cidadania, política ou arte, comumente relacionadas à temáticas e programas com vínculo a determinado contexto, causa ou interesse específico do grupo promotor. Muitas delas também são empreendidas por jovens em busca de espaço para mostrar seu trabalho e para seu auto-sustento. Essas experiências abrem oportunidade para novos campos de imaginação e fertilização do processo de projeto urbano, tendo em vista sua abordagem que opera com a inclusão da dimensão temporal como elemento de projeto e por trabalhar com uma correspondência de táticas para atender às mudanças nas condições que se estabelecerem. São visões mais frouxas dos processos que, em vez de estados finais idealizados, como é o caso do Plano para o urbanismo, deixam espaço para as imprevisibilidades. O que pode-se aprender com isso? Este artigo é parte do processo da pesquisa e abre aqui o diálogo a partir de teóricos que podem colaborar nessa investigação, em que se expoe ideias focadas especificamente no tema do efêmero na cidade, teorias sobre a sociedade contemporânea, suas possíveis motivações para gerar tais práticas e ainda outros fluxos teóricos que aparecem como catalisadores dos discursos, aspirações estéticas e ideológicas do urbanismo efêmero.

Palavras Chave: Território; Urbanismo Tático; Urbanismo Efêmero;

ABSTRACT

This research focuses on the micro-interventions in the urban space which, through urban tactics and temporary actions, bring light to the way of seeing, thinking and making the city. These are generally collective initiatives of citizenship, politics or art, commonly related to themes and programs linked to a particular context, cause or specific interest of the promoting group. Many of them are also undertaken by young people in search of space to show their work and for their self-sustenance. These experiences open up opportunities for new fields of imagination and fertilization of the urban design process because these approach that operates with the inclusion of the temporal dimension as a design element works with a correspondence of tactics to meet the changes under the conditions that are established. These are looser views of processes which, instead of idealized final states, as is the case of the Plan for urbanism, leave room for unpredictability. What can one learn from this? This article is part of this research process and opens the dialogue from theoreticians who could collaborate in this investigation, by exposing ideas focused specifically on the theme of the ephemeral in the city, theories on contemporary society, their possible motivations to generate such practices and still other theoretical flows that appear as catalysts of the discourses, aesthetic and ideological aspirations of ephemeral urbanism.

Keywords: Territory; Tactical Urbanism; Ephemeral Urbanism

INTRODUÇÃO

Atualmente têm se evidenciado projetos e ações temporárias e informais que se utilizam da microescala do espaço urbano e despontam como uma forma contemporânea que desafia a noção de permanência como pensamento e condição básica para as cidades.

De um lado estão emergindo inúmeras práticas urbanas criativas¹ promovidas por movimentos sociais de coletivos urbanos empenhados na construção de melhorarias à vida das pessoas nas cidades, e se apresentam como ferramentas capazes de operar e recodificar espaços do dia a dia (LYDON e GARCIA, 2015). De outro lado também estão se proliferando inúmeras ações comerciais, em busca de novos formatos para produção de renda e oportunidades de espaços de criação e visibilidade. Investem em vazios urbanos e espaços deteriorados ou mesmo em espaços públicos convencionais, se valendo da condição atmosférica do lugar para gerar o que tem se chamado de “economia alternativa”. Ambos são projetos que agem localmente e por um determinado período (BISHOP e WILLIAMS, 2012).

Essas práticas recentemente vêm recebendo atenção na academia em diferentes partes do mundo através de pesquisas e também como temática em congressos sobre espaço público e cidades. Além disso, inúmeras revistas especializadas de arquitetura têm publicado matérias a esse respeito, assim como há diversos blogs de movimentos sociais, escritórios de arquitetura e dos empreendedores que produzem tais ações.

Esses projetos estão sendo categorizados e catalogados e o fenômeno vem recebendo diferentes termos para sua definição, como, por exemplo, “Placemaking”², “Post-it-City”³, “Guerrilla Urbanism”⁴, “Selfmade City”⁵, “Insurgente Public Space”⁶, “Occupy”⁷, “Temporary City”⁸, “Efemeral Urbanism”⁹, “Tactical Urbanism”¹⁰, “Handmade Urbanism”¹¹, “Micro-planejamento Urbano”¹², entre outros.

Em geral são iniciativas coletivas de cidadania, política ou arte, comumente com temáticas e programas com vínculo a determinado contexto, causa ou interesse específico do grupo promotor.

¹ Termo usado por Marcos L. Rosa Micro: Planejamento Práticas urbanas criativas (org). São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

² Ethan Kent, sociólogo e vice-presidente do *Project for Public Spaces (PPS)*

³ Nome de publicação feito por Giovanni la Varra, e lançada em 2001.

⁴ Termo também utilizado para ações de marketing urbano, mas incorporado pelos movimentos sociais para apropriações e intervenções no espaços públicos. (HOU, 2012).

⁵ Nome de um livro com diversos projetos desse tipo editado Kristien Ring, *Selfmade City*, lançado em 2013.

⁶ Nome de um livro com diversos projetos desse tipo editado Jeffrey Hou, lançado em 2012.

⁷ Occupy Wall Street movement, iniciou em 2011 como protesto pela desigualdade social-economica causado pela crise de 2008. A proposta foi seguida em mais de 90 países em quase mil cidades do globo.

⁸ Nome do livro de Peter Bishop e Lesley Williams, 2012, que inclui pesquisa teórica e estudos de casos.

⁹ Pesquisa em andamento coordenada pelo prof. Rahul Mehrotra, da Harvad Univerty, em parte publicada no livro *The case of the Kumbh Mela in India*, de 2014.

¹⁰ Nome do livro de Mike Lydon e Anthony Garcia, lançado em 2015.

¹¹ Nome de um livro com diversos projetos desse tipo editado por Marcos L. Rosa e Ute E. Weiland, lançado em 2013.

¹² Nome de um livro com diversos projetos desse tipo editado por Marcos L. Rosa, em 2011.

Muitos também são empreendidos por jovens em busca de espaço para mostrar seu trabalho e para seu auto-sustento. Normalmente são desvinculados das instituições tradicionais, e são ações promovidas por movimentos contemporâneos que se colocam como propostas “lúdicas, poéticas, transversais, feministas e urbanas” (informação verbal)¹³. Suas práticas criam contra-espços¹⁴, heterotopias¹⁵ e alternativas urbanas em busca de estabelecer conexões afetivas com espaços degradados e abandonados da cidade - com o que foi expulso ou esquecido -, ou em repostas às emergências do cotidiano. De certo modo, fazem ver a cidade cega sobre sua própria condição.

Esses espaços públicos insurgentes desafiam visões convencionais de como as zonas urbanas são definidas e usadas, e como esses espaços podem transformar o ambiente da cidade. Não mais confinados às áreas públicas tradicionais, como parques e praças públicas, utilizam-se de táticas urbanas¹⁶ para expressar relações sociais e espaciais alternativas nas cidades. Fazem espaços voltarem a fazer parte da cidade.

Os exemplos mencionados nas bibliografias acima referem-se a projetos de comunidades de jardinagem urbana, dança de rua, transformação de lugares de estacionamento, ocupações programáticas de espaços abandonados ou subutilizados, intervenções artísticas de interação com a paisagem urbana, dentre outros. De diferentes formas criam lugares para promoção de encontros ou de cultura, estares públicos, espaços de brincar, bancas de comércio alternativo e áreas de criatividade. Esse tipo de proposta como experiência criativa parece ter a capacidade de “ressignificar lugares e os trazer de volta como espaços de alteridade” e espaços revigorados para o desenvolvimento econômico e social (PEIXOTO, 1997, p. 28).

Para Rosa, muitos desses projetos se constituem de “microarquiteturas sobrepostas às estruturas modernas monofuncionais, anexando complexidades capazes de induzir espaços urbanos de qualidade” (ROSA, 2011, p.22). Em algumas situações essas práticas urbanas criativas aparecem como soluções informais para organizar lugares para o encontro - pontos de contato que resistem à desertificação de espaços coletivos de qualidade, com projetos que tencionam limites interdisciplinares à construção de novas pontes para a produção de arquitetura e cidade. Percebe-se que muitos casos reverterem à negatividade do lugar, doando valor e visibilidade àquilo que estava invisível.

Este sentimento de urgência em relação à cidade parte de dentro da sociedade civil, a qual busca por ser o “agente gerador e os construtores das suas cidades” (ROSA, 2011, p. 22). Para ele, a auto-organização verificada nos projetos que caracterizam essas práticas urbanas criativas são impulsionadas pela falta de espaços de coexistência com a qualidade humana e representam um potencial para reestruturação urbana comprometida com a comunidade a partir de seus próprios preceitos.

De acordo com o autor, não se trata de romantizar um imaginário de pobreza ou deficiências em meio a uma situação de crise em busca de uma plataforma estética. Nas iniciativas que ele apresenta e se debruçou a estudar se refere a elas como potencial articulador de situações, em que a cidade, vista a partir dessas construções de decisões políticas, projetos e vontades coletivas

¹³ Palestra de Margath Rago: Inventar outros espaços, ministrada no Seminário Internacional Tempo Livre, Escola da Cidade, São Paulo- SP, 2015.

¹⁴ Peter Bishop e Lesley Williams, 2012.

¹⁵No sentido formulado por Michel Foucault em Os corpos utópicos e as heterotopias, 2013.

¹⁶No sentido formulado por Michel de Certeau em A invenção do Cotidiano, 2014.

e pessoais, concentra capacidades para reorganização, rearticulação, recodificação de espaços do dia a dia. Em conjunto essas práticas criam “circuitos de resistência à cidade genérica e organizam microambientes na cidade nutrindo a discussão das especificidades e dos lugares urbanos” (ROSA, 2011, p.24).

Para Margath Rago há uma incorporação da estética da arte nessas propostas, uma integração da arte na própria maneira de existir e fazer outros modos de vida, formulando dessa maneira, a criação de novos espaços. Para ela, esses movimentos sociais parecem defender um tempo livre, não o tempo do lazer em oposição ao do trabalho, mas um tempo da criatividade e engajamento¹⁷.

Já, em relação às propostas comerciais temporárias, estas representam um fenômeno em ascensão que parecem tencionar modelos tradicionais ao buscarem fomentar o “alternativo” se valendo de lugares alternativos. Essa explosão de lojas e comércios 'pop-up' em todo o mundo¹⁸ se manifesta através de feiras que vendem todo tipo de produto, ocupando lugares incomuns para tais práticas, pois inserem o comércio em locais com outras funções, que não o do comércio, como fábricas, boates, jardins privados, condomínios residências, estacionamentos, ou mesmo em espaços públicos. Outro formato crescente nos Estados Unidos e na Europa desde a década de 1990¹⁹, mas que também já ocorre no Brasil, são as ocupações temporárias de locais abandonados transformados em bares, escritórios de criatividade, dormitórios, albergues e espaço de festas promovidos por jovens empreendedores.

Mais recentemente pode-se contabilizar aos exemplos mencionados acima, a proliferação das praças de alimentação montadas com *food trucks* em todo tipo de espaço público e evento urbano.

Talvez sejam exemplos da perpétua busca por novas experiências de consumo o que tem elevado significativamente ao aumento desse setor, associado à exclusividade do “por tempo limitado”. Também, talvez isso reflita novas tendências no mercado que incorpora os usos temporários como táticas de aproximação de seus públicos e para viabilização de seus negócios. Por isso, não cabe mais explicar simplesmente esses fatos pela escassez de unidades de varejo em ruas ou pela impossibilidade desse tipo de empreendedor alugar uma loja de shopping. Deve-se olhar para esse fenômeno que reconfigura as cidades contemporâneas e coloca luz em espaços opacos.

Esse modelo de microurbanismo efêmero se apresenta como uma área de conhecimento com oportunidade de pesquisa acadêmico, pois é um campo em desenvolvimento, ainda com pouca bibliografia e aprofundamento (há somente registro de 10 estudos de casos desse modelo no Brasil²⁰), mas com bom material de mapeamento de práticas urbanas implementadas ou em curso em diversas parte do mundo.

Portanto, essa pesquisa foca nas microintervenções no espaço urbano que se utilizam da escala local, de ações no cotidiano, de ações temporárias na cidade e de táticas urbanas como forma de pensar e fazer cidade.

¹⁷ Palestra de Margath Rago: Inventar outros espaços, ministrada no Seminário Internacional Tempo Livre, Escola da Cidade, São Paulo- SP, em que ela associa os espaços dos movimentos sociais contemporâneos como heterotopias.

¹⁸ Peter Bishop e Lesley Williams, 2012. The temporary City. Kristien Ring, Selfmade City, 2013.

¹⁹ Kristien Ring, Selfmade City, 2013.

²⁰ ROSA, Marcos L., Micro Planejamento, Práticas Urbanas Criativas, São Paulo: Cultura, 2011.

Este artigo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento e abre aqui o diálogo a partir de teóricos que poderiam colaborar nessa investigação, expondo ideias focadas especificamente no tema do efêmero na cidade, teorias sobre a sociedade contemporânea que podem ser possíveis motivações para gerar tais práticas e ainda fluxos teóricos que aparecem como catalisadores de discursos, aspirações estéticas e ideológicas nesses projetos.

O TEMPO COMO ELEMENTO DE PROJETO

Sophie Wolfrum assevera que é evidente a falta de teorias capaz de lidar com os novos fenômenos urbanos (ROSA, 211, p. 214). Uma vez que a sustentabilidade em termos sociais, ecológicos e econômicos é definida politicamente, a arquitetura e urbanismo se encarregam de adicionar o aspecto espacial. Ao tentar se evidenciar uma abordagem arquitetônica às estratégias urbanas, apresenta-se o fenômeno performativo como uma forma possível de lidar com o urbanismo.

Há atualmente diversos tipos de projetos efêmeros em atividade, como por exemplo, atividades ligadas aos festivais de música, às feiras de rua, às celebrações religiosas, programas bem conhecidos por todos e já associados a sua temporalidade. Assim como há um imaginário próprio, tais atividades têm seus próprios paradigmas e necessidades e uma *expertise* construída sobre premissas do efêmero, ou seja, de que tal atividade e empreendimento acabarão em um determinado momento. Devido a essa característica, para esses programas acontecerem há uma série de métodos, materialidades e lógicas de projeto e execução que lhes são específicos. Esses métodos ainda são pouco estudados pela academia, mais ainda como uma possibilidade e oportunidade para ampliar a imaginação do urbanismo e planejamento urbano.

Continuar simplificando esse tipo de experiência afirmando se tratar apenas de situações informais, correspondentes a determinadas situações temporais, é uma definição que atende somente alguns aspectos do problema. Situações ditas informais, como a dos camelôs, têm uma série de engrenagens sistêmicas que as fazem funcionar, e com as quais podemos aprender, inclusive por se tratarem de práticas no espaço público, mas que se tem deixado de lado como campo de pesquisa.

Projetar sob o paradigma da temporalidade²¹ faz pensar, por exemplo, que ao se abordar um problema, a solução deve durar o tempo necessário. E se esse tipo de raciocínio fosse incorporado ao planejamento urbano, no que a ele poderia colaborar? A flexibilização dos processos, capacidade de lidar com o inesperado, saber operar nas brechas abertas pelo status de impermanência das coisas, faz parte do cotidiano de quem trabalha com um programa “temporário”. Quantas soluções urbanísticas são desenvolvidas com a ideia da permanência, quando não se enxerga a efemeridade do problema? O que está em jogo nessa questão é borrar o pensamento binário que só faz ver de forma binária, e amplia a distância entre o formal e o informal; o precário e o estabelecido; o efêmero e o permanente.

Segundo Mehrota (2014, p.70), quando se dissolve essas fronteiras abrem-se oportunidades para novos campos de imaginação e para a fertilização do processo de projeto de urbanismo. Essa nova

²¹ A pesquisa organizada pelo prof. Rahul Mehrotra, Harvard University, em parte publicada no livro *The case of the Kumbh Mela in India*, de 2014, propõe essa discussão sobre novos paradigmas para o urbanismo considerando o projeto a partir do efêmero. Essa pesquisa tem realizado o estudo de caso de uma cidade temporária na Índia para 70 milhões de pessoas, feita em função de um evento religioso, com o objetivo, entre outros, verificar possíveis contribuições para o planejamento urbano.

abordagem, opera com a inclusão da “quarta dimensão como elemento de projeto”. Bishop e Willians (2012), referem-se às experiências de práticas temporárias na cidade que trabalham com uma correspondência de táticas para atender às mudanças nas condições que se estabelecerem. São visões mais frouxas dos processos que, em vez de estados finais idealizados, como é o caso do Plano para o urbanismo, deixa-se espaço para as imprevisibilidades.

Para Wolfrum, essa ‘abertura’ está associada à falta de controle, mudanças de significados, tolerância de situações temporárias.

Conforme explica Bishop e Williams (2012) esse tipo de proposições criativas na cidade utilizam-se de fases de desenvolvimento, muitas vezes com uma gama de estágios temporários ao longo de um caminho que, com mais flexibilidade, se movem em direção a uma “visão final vagamente definida”, ao invés de um estado final absolutamente pronto. Pacotes escalonados de pequenas iniciativas podem ser mais adequadas para desbloquear o potencial de locais. Esta abordagem, muitas vezes, inclui “estratégias deliberadas em torno de usos temporários que podem mudar a imagem e permitir estágios intercalado para ‘sentir’ melhor a demanda da área”. Utilizações temporárias podem criar uma dinâmica urbana e valorização de um lugar, tanto em aspectos de sociabilidade, como de mercado, e podem até mesmo acelerar o seu eventual desenvolvimento ‘permanente’ e quiçá de segurança para futuros investidores durante um processo mais complexo, como o de um *masterplan* urbano (Bishop e Willians, 2012, p.102).

Não é intenção dessa pesquisa amortizar a capacidade que o planejamento urbano tradicional tem como técnica, pois se reconhece que um *masterplan* bem executado pode desempenhar um papel vital para criar valor financeiro, social, cívico e físico, para tornar áreas urbanas eficientes e bem-sucedidas. Entretanto, o planejamento urbano pode ser muito mais eficaz se deixar espaço para imprevisibilidades, “visões abertas” e se tiver suficientemente flexibilidade para permitir que o desenvolvimento ocorra em camadas ao longo do tempo. Para Bishop e Willians (2012) esta abordagem reconhece que para implementar uma fase, deve-se deixar espaço para interagir o impacto do projeto sobre a área circundante em fases subsequentes de um plano. Por isso, ter como método “táticas adaptativas”, comum aos projetos temporários, pode abrir novas oportunidades para se pensar a curto prazo, especialmente quando elas servem para criar um “ambiente de excitação, um destino e uma nova imagem para a localidade” (Bishop e Willians, 2012, p. 67).

Rosa (2011), sinaliza para outro elemento importante percebido nas ações na microescala que são as vantagens da visão de planejamento que incluem as características sociais e físicas existentes em uma área, no lugar de eliminá-las completamente. Dito assim parece obvio, também muitos profissionais devem concordar que projetos urbanos devem começar com um bom levantamento de todos os elementos existentes, planejados ou não, e que as qualidades individuais de um local devem ser reforçadas em vez de esculpir novos programas e lugares fora do que já está lá. Mas isso, segundo Ring (2013), aponta de fato para a necessidade de estimular demandas em potencial e que são latentes no lugar. O autor assevera que essas novas formas de utilização da cidade são um termômetro eficiente, pois fazem as leituras das emergências do lugar. Sinaliza ainda que é através de uma abordagem mais participativa no planejamento e sua implementação que determinará maior sucesso para empreendimentos urbanos.

Para Lydon e Garcia, essas práticas urbanas criativas mencionadas acima partem de valorizar e de construir sobre o que já está no local, do que alimenta a vida urbana 'de todos os dias'. Baseiam-se firmemente na colaboração do usuário, sendo que ele passa a ser protagonista através de pequenos projetos, muitos dos quais de forma temporária, mas que podem ter um impacto

cumulativo significativo ao longo do tempo. Estas características significam que eles “são capazes de construir um sentido para a comunidade” (2015, p. 34).

Essa abordagem *bottom-up* informa desejos da comunidade. Segundo Bishop e Willians (2012), deve-se aproveitar dessa energia e motivação para mudanças e sugerindo observar o fenômeno “*open-source* de lugares”. Para eles, esses espaços físicos têm se tornado muito parecido com uma página web moldada através de colaborações entre seus usuários, como por exemplo, a Wikipédia. Ao invés de criar instalações para ocupação de longo prazo, os lugares deveriam ser tratados como um utilitário, disponibilizado para as comunidades criativas, sociais e de negócios preencherem. Essencialmente, seria estabelecido um quadro de planejamento muito básico, em vez de um *masterplan* (BISHOP e WILLIANS, 2012, p.104).

A MODERNIDADE LÍQUIDA

O período contemporâneo tem sido caracterizado por uma aceleração associada às profundas transformações tecnológicas, às novas lógicas de flexibilização no trabalho, à sociedade de consumo de massas e pela constituição de um meio técnico-científico-informacional. Neste horizonte, acentua-se uma crise das formas de materialização, representação e inteligibilidade das relações entretidas entre os diferentes atores sociais. Assim, em busca da construção de novas possibilidades para a elaboração de experiências alternativas para se tecer sociabilidades, o espaço público tem sido frequentemente utilizado para instalação de projetos temporários de diferentes ordens. Essas práticas temporárias na cidade são o foco de estudo, primeiro para conhecer suas motivações, buscar compreender suas implicações, mas também para aprender outras oportunidades que se abrem para melhor olhar e produzir projetos de urbanismo e planejamento urbano. Nesse contexto, observar os novos fenômenos na sociedade pode ajudar a entender o impulso para criação de inúmeras práticas do que pode-se chamar de um urbanismo efêmero.

Zygmunt Bauman (2001), em *Modernidade Líquida*, argumenta que nos últimos 50 anos passou-se de uma fase 'sólida' da modernidade para o que ele chama de uma fase 'líquida'. Assevera que a modernidade sempre se caracterizou pela capacidade de produzir o “derretimento dos sólidos”. Entretanto, a fase 'sólida' foi baseada em uma crença de que era possível fazer um mundo perfeitamente racional, onde os indivíduos que compõem a sociedade poderiam ter a liberdade de construir suas vidas individualmente, mas desde que submetidos a um Estado ordenador e parâmetros sociais estabelecidos. A Modernidade sólida não deixava espaços para incógnitas e incertezas, e isso se transmitia através do controle sobre a natureza, da criação de burocracia hierárquicas, normas e regulamentos. Esses mecanismos de controle procuravam remover inseguranças pessoais, tornando os aspectos da vida humana aparecem de forma bem ordenada e familiar. Assim, nessa fase a modernidade substituía um modelo sólido por outro. (2001, p. 12).

Bauman afirma que agora se vive a modernidade 'líquida' - uma fase que, como um líquido, não pode manter sua forma por muito tempo. Já não se acredita que se vive um estado de perfeição: a mudança está aqui para ficar e é uma condição permanente da vida humana. Isso faz crescer a ambivalência e sentimentos de incertezas. A passagem global de sólido para líquido da modernidade tem confrontado indivíduos com uma série de novos desafios. Formas sociais e instituições já não têm tempo suficiente para solidificar modelos e não servem de referência para planos de vida a longo prazo. Assim, indivíduos têm de encontrar outras maneiras de organizar suas vidas. Eles têm que unir juntos uma série interminável de projetos de curto prazo que podem

não corresponder ao tipo de sequência para que conceitos como "carreira" e "progresso" sejam significativamente aplicados. Isso gera uma forma de "nomadismos", onde se configuram fluxos individuais - seja mudando-se de lugares ou empregos, cônjuges ou valores. A modernidade líquida é caracterizada pela incerteza, risco e mudança contínua. O que é digno de confiança hoje pode não ser amanhã. Tais vidas fragmentadas sugerem a exigência de indivíduos e sociedades flexíveis e adaptáveis - estar constantemente prontos e dispostos a mudar de tática a curto prazo, a abandonar compromissos e a buscar oportunidades de acordo com sua disponibilidade atual. Pode-se especular, portanto, que, em tal mundo poderia ser esperado florescer todos os tipos de atividades temporárias.

Peter Bhisop e Lesley Williams (2012), em *"Temporary City"* colocam que as crescentes incertezas sobre condições políticas, econômicas e ambientais, antes assumidas como invioláveis, vêm sofrendo transformações. Desde a derrubada do Muro de Berlim e o fim do comunismo, há uma mudança na maneira como se vê o mundo, que tornou-se mais fluida. Não são mais os grandes blocos de poder que estão em conflito aberto como eram durante a maior parte do século XX. A eliminação dessas barreiras causou o fim de muitas das certezas políticas dessa era. O aquecimento global, a ocorrência de catástrofes naturais, como o tsunami que atingiu a costa do Oceano Índico em 2004, o furacão que devastou Nova Orleans em 2005, os terremotos que atingiram o Haiti e Chile em 2010, ou no Japão, em 2011, contribuíram para dar sentido que as estruturas feitas pelo homem, e até a própria humanidade, são mais frágeis e temporárias do que se pensava. A crise financeira de 2008, causada pela especulação e o excesso de valorização de ativos do mercado dos Estados Unidos que demonstrou a insuficiência de liquidez no sistema bancário desse país, transformou o boom econômico global que era visto como permanente, em uma crise causadora de um colapso financeiro global.

Para os autores, os efeitos dessas crises econômicas, dos colapsos geopolíticos e as catástrofes ambientais exigem das pessoas, dos mercados e do planejamento urbano ações com novas visões – mais flexíveis e capazes de lidar com ambientes de incertezas e mudanças constantes.

Manuel Castells (1999), em *"A Sociedade em Rede"*, anuncia que mudanças vem reestruturando e influenciando a sociedade através da "transformação de nossa cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação". Se anteriormente o valor de uma sociedade estava baseado na sua capacidade de produção, hoje, sua medida está muito mais na capacidade de fluxos de informação. O conhecimento como principal fonte produtiva exige do capitalismo uma profunda reestruturação, e se caracteriza por maior flexibilidade de gerenciamentos, individualização e diversificação cada vez maior das relações de trabalho, as quais descentralizam as atividades produtivas (CASTELLS, 1999, p.49).

Paulo Reyes (2005), em *"Quando a Rua Vira Corpo"*, afirma que esse novo paradigma traz em si uma nova relação de tempo e espaço. Sendo a informação matéria-prima muito mais flexível e com capacidades de assumir distintas materialidades, "necessita muito pouco de um lugar preciso". A liberação de um lugar fixo tenciona o modelo de configuração das cidades, não mais apoiadas na territorialização fixa dos espaços construídos. Segundo o autor, "há uma nova concepção de cidade sendo gerida aí: mais flexível e menos territorializada". (REYES, 2005:27).

Fábio Duarte (2002), em *"Crises das matrizes espaciais"*, expõe que essa mudança do paradigma industrial para o informacional, traz reflexos para a conformação das cidades e dos territórios, pois estimula práticas de interconexões e independência do território através da possibilidade de ações à distância, desenvolvidas na nova sociedade em rede. O encontro para trocas entre os indivíduos,

premissa da origem e existência das cidades, está mediada hoje em grande proporção, por cabos e teclados de um computador. (DUARTE, 2002)

Se no modelo “sólido” a indústria e o comércio precisavam do livre acesso para o fluxo de suas produções ocupando a infraestrutura técnica das cidades, atualmente as redes de comunicação e a outra ordem na produção de mercadorias orientam seus fluxos por canais digitais. Desta forma, quais são os reflexos no espaço público e nas inúmeras infraestruturas que serviam a esse modelo? Parecem surgir daí outros tecidos urbanos mais suaves, e que se aproximam de possíveis “estruturas líquidas” transpondo a ideia do sociólogo Zigmund Bauman para a arquitetura e urbanismo.

Henri Lefebvre (1991), em *“The productions os space”*, diz que o espaço concreto – importante em nossas rotinas – não é nada sem a vida; ele será constituído somente através da prática da vida. O “espaço vivido” expressa o processo ativo de experimentar o espaço e produzi-lo simultaneamente. Portanto, operar sobre esse cotidiano é forma de fazer cidade.

TECIDO URBANO SUAVE

Michael de Certeau (2014), em *“Invenção do Cotidiano”*, diz que é na experiência da cidade que se passa a entendê-la como produto dessa experiência. Para isso, Certeau apresenta o seu conceito de tática em diferença à estratégia. Diz que é através de manipulações oferecidas pelas circunstâncias que se configuram o desenho tático, definidos como ações isoladas ou eventos que tiram proveito de oportunidades oferecidas por aberturas em sistemas estratégicos. Tais ações exploram o potencial dessas aberturas procurando por resultados inventivos – desvios do contexto existente que organizam espaços autônomos.

Para o autor, tática era empregada na experiência militar como forma de designar as tropas no campo de batalha com ordem, rapidez e recíproca proteção, segundo as condições de suas armas e do terreno. No uso militar, uma tática é empregada por uma unidade militar, não maior do que uma divisão, para implementar uma missão específica e alcançar um objetivo específico, ou para avançar em direção a um objetivo específico. Uma tática é implementada como uma tarefa capaz de manobrar forças em combate com habilidade de se apoiar nos recursos disponíveis para alcançar um objetivo.

Marcos L. Rosa (2011), em *“Micro Planejamento: Práticas Urbanas Criativas”*, diz que enquanto estratégia organiza uma visão ‘macro’ e o pensamento engendrado no longo prazo, tática ocupa-se da microescala e do particular, podendo referir-se às ações imediatas ou a curto prazo. Essas definições, que se referem à tática como um sistema ou modo de procedimento, se aproximam dos métodos utilizados pelo grupo da Internacional Situacionistas – as técnicas da psicogeografia e da deriva.

Os Situacionistas desenvolveram um discurso e práticas em busca da constituição de novas territorialidades. Com isso, propunham um resgate às múltiplas formas de vivenciar as cidades - uma alternativa contra a cultura do espetáculo e a alienação da sociedade, e como forma de crítica ao pensamento de cidade do Movimento Moderno.

O pensamento Situacionista urbano não pretendia a formalização de um projeto de cidade, ele estava baseado na construção de situações. Entendia que situações era uma experiência que deveria ser alcançada coletivamente. Uma situação construída seria então um “momento da vida,

concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária de um jogo de acontecimentos” (JACQUES, 2003, p.22). Para os Situacionistas, os habitantes deveriam transformar-se de meros espectadores em vivenciadores de seus próprios espaços. É um manifesto pela participação efetiva da vida urbana. Todo esse discurso está moldado pela utilização do ambiente urbano para induzir a participação e a revolução da vida cotidiana, e, assim, instigar a transformação da própria vida do espectador, pois entendiam que a cidade é a interface mais plausível para uma arte integral relacionada à experiência de vida.

Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os Situacionistas propuseram a experiência da deriva. A técnica da deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A definição dessa técnica era descrita por Guy Debord como “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (JACQUES, 2003, p.89).

A par dessa prática, esse exercício estava baseado no método chamado de psicogeografia. A psicogeografia seria então uma “geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas deambulações urbanas que eram as derivas Situacionistas” (JACQUES, 2003, p.23). Com a deriva os Situacionistas tornaram as perambulações sem objetivo, o movimento como percepção e produção do espaço, um método urbano, um conceito de produção psicossocial do espaço.

O conjunto dessa teoria formalizava o “Urbanismo Unitário” defendido pelo grupo. Define-se Urbanismo Unitário como uma “teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (JACQUES apud DEBORD, 2003, p.24).

Paola Berestein Jacques (2012) em “Elogio aos Errantes” faz outras contribuições importantes à ocupação e à reflexão urbana questionando o uso estipulado pelo urbanismo sobre o espaço urbano ao questionar a forma impositiva do “projeto a priori”. Através dos conceitos “corpografias urbanas” e “errâncias urbanas” faz um elogio às experiências corporais nas cidades em que considera o corpo como uma micro-resistência aos processos de espetacularização das cidades, culturas e corpos. Jacques assinala as práticas artísticas como “desvios a posteriori”- uma possibilidade de experiência sensível ativa e crítica de micro-resistência no espaço público. Para a autora, em uma corpografia, cada corpo pode acumular diferentes corpografias, as quais seriam resultados de diferentes tipos de experiências urbanas vividas por cada um (JACQUES, 2012).

Jacques se baseia em experimentações anteriores para a construção dessas práticas. Primeiro podem ser vistas em Baudelaire e suas flanâncias urbanas em Paris através da figura do Flâneur. Também se espelha com base nos manifestos surrealistas e ações dos dadaístas de Aragon, Breton, Picabia e Tzara, que faziam as “deambulações” - excursões urbanas por lugares banais. E por último sob o ponto de vista cronológico, nos Situacionistas com seus textos e as ações de Debord, Vaneigem, Jorn e Constant – a partir das derivas urbanas, uma crítica radical ao urbanismo Moderno. No Brasil a autora cita Hélio Oiticica e Flávio Carvalho como exemplos de artistas precursores das errâncias urbanas ou como “praticantes ordinários das cidades”, termo cunhado por Michel de Certeau do qual ela se utiliza, para falar de como o projeto urbano é atualizado *a posteriori* por quem está vivenciando a experiência do espaço público. São esses que o experimentam no cotidiano que os atualizam o projeto feitos pelos urbanistas.

Sophie Wolfrum, em “O Urbanismo Performativo”, (Rosa, 2011), coloca que o “espaço não é algo exterior ao indivíduo, mas um meio (centrado) baseado em torno dele” (2011, p. 216) e a partir disso explica que o urbanismo performativo enfoca a “produção social do espaço, a percepção e adoção do corpo individual, bem como a interferência na cidade, movimento e ocorrência” para falar das camadas da cidade, das práticas culturais e de governança participativa. Enfatiza o componente da experiência espacial e ação que é indispensável na realidade arquitetônica. “Na arquitetura o receptor é sempre membro da equipe que experimenta ativamente a arquitetura em movimento e interage com ela”. (ROSA, 2011, P. 220)

Bernard Tschumi (1994) em “The Manhattan Transcripts”, também se refere à experiência de ocupar e percorrer os espaços para se referir à teoria da arquitetura, já que ela promove também a interação dos elementos que a constituem com o corpo humano. O autor considera que esta interação acontece com o deslocamento do corpo que permite a ocorrência de eventos de movimento e revela a própria dinâmica da arquitetura. Tschumi descreve o evento como: “Um acidente, uma ocorrência; um item particular em um programa. Eventos podem envolver usos particulares, funções singulares e atividades isoladas. Incluem momentos de paixão, atos de amor e o instante da morte.” Tschumi quer manifestar que a arquitetura não é simplesmente sobre espaço e forma, mas também sobre o evento, ação e o que acontece no espaço (TSCHUMI, 1994, p. 21).

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1998), em “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, falam do espaço de fluxos para afirmar que o território resulta de um processo de ‘territorialização e desterritorialização’, não sendo um lugar fixo, mas transitório e em permanente construção. A marcação de um território é o ato que se faz expressivo, “componentes do meio tornados qualitativos” (Deleuze e Guattari, 1998, v.4, p. 122).

Para Deleuze e Guattari o território delimita o espaço de dentro e o de fora, estabelece propriedade, apropriação, identidade além de possuir um valor existencial. Territorializar é delimitar o lugar seguro da casa que nos protege do caos. Por outro lado, desterritorializar é sair de um espaço delimitado, romper as barreiras da identidade, e conseqüentemente do domínio e da casa. “Um território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização” (Deleuze e Guattari, 1998, v.4, p.137). Entretanto, existe uma sinergia que interliga os conceitos entre si.

A síntese dessa dinâmica é o conceito de ritornelo que Deleuze e Guattari tomam da música para poder pensar melhor esse fenômeno. Para eles um ritornelo é “todo conjunto de matéria de expressão que traça um território”. O ritornelo não se apoia nos elementos de formas, de matéria, de significação comum, mas no destaque de um motivo existencial, atrator e significacional (1998, v.4, p.132). O ritornelo acontece neste caso em um sentido de um “traçado que retorna sobre si”, na medida em que se procura alcançar ou reiterar um território, mas ao mesmo tempo o expelindo num movimento infinito: a origem para sempre perdida. (1998, v.4, p.137). Assim, o ritornelo indica um retorno, mas esse será o da diferença, pois nunca retorna o mesmo.

Sob essa perspectiva, podemos dizer que os territórios para os autores são meios essencialmente comunicantes de multiplicidades e não de um consenso de ação, “há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo” (1997:121). Mais do que espaço físico, um espaço cultural, um ato. Sua definição se dá pela maneira como o habitamos, como nos relacionamos nele, o que fazemos nele e através dele. Sendo cultural o território não é um lugar abstrato por si, desprovido de signos que, conseqüentemente, desencadeiam processos de subjetivação, através

dos múltiplos meios que os indivíduos vivenciam, pois, “o território não é primeiro em relação à marca qualitativa, é a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras, elas supõem antes uma expressividade que faz território” (1997:122).

Dentro desse contexto, o território do urbanismo efêmero se refere à subjetividade constituída pelos múltiplos “agenciamentos”²² através das manifestações referidas anteriormente que passam por ele e desencadeiam novos espaços urbanos. É um acoplamento espaço-temporal de território e reivindicações que produz transversalidades, afetos, sentidos. Estes “eventos”²³ delimitam espaços, criam fluxos no sentido de chamar atenção e provocar a experiência talvez esquecida em detrimento de outras do uso do espaço urbano, mas de forma salutar. Por si mesmo, desterritorializam a percepção de abandono do qual estão muitos destes assolados, ao mesmo tempo em que territorializa uma atmosfera de manutenção. Pois, quando uma determinada experiência toca o usuário, a consciência é levada para outro lugar e a captura num outro território. Mesmo quando não se percebe, tais práticas podem exercer uma forte influência nos nossos padrões de comportamento.

Gilles Deleuze e Felix Guattari, propõem romper com o sentido do espaço como inerte, como neutro ou como mero ambiente ou pano de fundo para o desdobramento de fenômenos. Os autores nos apresentam essas possibilidades ao retratarem através de dois tipos de espaços – o liso e o estriado, ou respectivamente o espaço nômade e o sedentário. De antemão, fazem a ressalva que ambos só existem de fato graças às misturas entre si: “o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”. O mar, espaço liso por excelência, por exemplo, é estriado através da navegação, do domínio astronômico e geográfico, quando nele se instaura um dimensional que subordina o direcional ao se superpor a ele (DELEUZE e GUATTARRI, 1997, p. 184).

Para os autores, o espaço estriado é o espaço euclidiano estruturado em montantes e fibras, construído pelo entrecruzamento de uma trama fixa e outra móvel, que compõem sua dimensão delimitada, com lado avesso e direito, tornando-se assim, um espaço fechado e sedentário. Utilizando a metáfora da produção de tecido, argumentam que este, ao sair de um tear, pode ser de comprimento indefinido, mas sempre de uma largura específica com seus limites espaciais definidos pelo caixilho da urdidura. É dessa forma que se definem as características topográficas do espaço - tomadas invisíveis e relegadas a simples pano de fundo pelos pressupostos dominantes e pela força do hábito, as quais determinam as possibilidades e os limites daquilo que pode acontecer no seu interior.

Em contraste a esse espaço estriado, o espaço liso é nômade, é o espaço da colcha de retalhos e de inúmeras vizinhanças, como uma coleção de proximidades não bem definidas em que as ligações podem ocorrer de incontáveis maneiras. Trata-se, de um espaço heterogêneo no qual podem ser mantidas relações e possibilidades para “linhas de fuga”. Deleuze e Guattari utilizam a imagem do feltro para ilustrar o espaço liso em que não há distinção entre os fios, é sem emaranhado de fibras, não é homogêneo, não estabelece fixos nem móveis, nem direito e avesso. Utilizam a metáfora do *crazy patchwork*, em que a justaposição de peças pode ser feita de infinitas maneiras e direções, não possuindo centro e simetria, apenas ritmo. Para os autores “o espaço liso é ocupado por acontecimentos ou hecceidades, muito mais do que por coisas formadas e percebidas. É um espaço de afetos mais do que de propriedades. É uma percepção háptica, mais

²² No sentido proposto por Deleuze e Guattari

²³ No sentido proposto Tschumi

do que óptica. É um espaço intensivo mais do que extensivo, de distâncias e não de medidas". (DELEUZE e GUATTARRI, 1997, p. 185)

Essa noção de espaço liso ou espaço "háptico", é produzido pelo ato de se ver as coisas de perto - um espaço de intensidades, como se tocasse as coisas com os olhos em uma experiência de visão que se pode chamar de "tátil". Nessa experiência, quanto mais de perto se olha, mais variações se vê: cada olhada fraciona-se em novas configurações.

Deleuze e Guattari propõem inúmeros modelos e combinações espaciais para liberar, no terreno das operações cognitivas, as "muletas do idealismo platônico e da identidade cartesiana" (1997, p. 186). Estas, tradicionalmente, enfatizam a autonomia e o isolamento em vez da heteronomia e da inclusão, às margens e os limites deterministas em vez das conexões invasivas, das relações contingentes e de novas perspectivas. Talvez isso permitisse um sentido para alterar nossas relações com o conhecido, o estabelecido e o a priori, problemas comumente identificados pela crítica ao projeto e planejamento urbano atual.

Os autores asseveram que é neste espaço possível que se desenvolve a "máquina de guerra", imagem da força que se opõem ao espaço estriado. A máquina de guerra deleuzo-guattariana não tem a ver com o sentido comum do termo, não se trata de aparato militar usado na guerra contra seus inimigos internos ou externos, mas uma máquina de guerra seria, a rigor, manifestações de um outro paradigma, o qual manteria uma relação de oposição, permanente tensão, concorrência, com atração mútua, mas sem complementaridade ao outro paradigma. A máquina de guerra é uma produção dos nômades.

O projeto que assume o temporário parece atuar como uma "máquina de guerra" potencial na produção de territórios, em detrimento do espaço estriado, precisamente quando traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em sintonia com outros agenciamentos. Assim como um nômade, o urbanismo efêmero parece ter a capacidade de aprofundar e acelerar o 'alisamento' do espaço estriado ao aplicar seu modelo de projeto flexível, ao construir territórios e instaurar ações poéticas, com nuances políticas e sociais.

Ao fomentar a "desterritorialização", esses projetos podem estar enganando o "aparelho de captura" (o que institui). Assim, eles colocam-se como uma possibilidade de jogo de sobreposições topográficas que podem agir sobre o espaço em uma operativa "rizomática", que agregam por sua vez, uma multiplicidade de movimentos e fluxos, onde a experiência espaço-temporal é frequentemente distorcida. Afinal, "arquitetura é espaço formado e desenhado culturalmente. Espaço não apenas para o armazenamento de coisas e significados, mas espaço articulado para o desdobramento de processos de vida." (ROSA, 2011, p. 216)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Texto das Referências (Calibri corpo 10; espaçamento exato 12,5 pts; 10.5 pts depois; alinhamento à esquerda; seguindo o sistema ABNT)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2001.

BISSHOP, Peter; **WILLIAMS**, Lesley. *The temporary city*. Editora Routledge, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Volume 4: Editora 34, 1998.*

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. Vol. 5. Rio de Janeiro: Volume 5: Editora 34, 1997.*

DUARTE, Fábio. *Crise das matrizes espaciais.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Corpo utópico: as hetrotopias.* N-1 Edições, 2013.

JACQUES, Paola Berestein - Organização. Estela dos Santos - Tradução. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. *Elogio aos errantes.* Salvador: Edufba, 2012

LEFEBVRE, Henri, *The productions os space,* Lodon: Blackwell, 1991.

LYDON, Mike.; GARCIA, Anthony. *Tactical Urbanism: Short-term action for long-term change.* Washington: Islandpress, 2015.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Artes cidades, São Paulo: Editora SENAC, 1997.*

REYES, Paulo Edison Belo. *Quando a rua vira corpo [ou a dimensão pública na ordem digital].* Editora UNISINOS, São Leopoldo\RS, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e política.;* trad. De Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org: Editora 34,2009.

RING, kristien (org.) *Self Made City.* Editora Jovis, Berlin, 2013.

ROSA, Marcos. *Micro: Planejamento Práticas urbanas criativas (org).* São Paulo: Editora de Cultura, 2011.